



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 19 de Abril de 2014 • Ano LXXI • N.º 1829 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Padre Horácio visitando família Pobre...
«Vós sois a luz do mundo».

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

NOS dias próximos da actual data, recordamos necessariamente os nossos Padres que nos anos mais recentes terminaram os seus trabalhos nesta «Seara imensa do trigo e do joio», no dizer de Pai Américo, fazendo deles a oferta das suas vidas ao Senhor que lha deu a cultivar.

Esta referência da vida humana que é o tempo, no qual ela se consuma, diz-nos que em 6 de Maio de 2000, o Senhor da Vida chamou para Si o nosso Padre Horácio, de quem Se fez companheiro ao longo de uma vida rica de Pobreza e de Fraternidade.

Em 13 de Abril de 2003, chamou para o Seu lado o nosso Padre Luís, com ele partilhando o Seu descanso, necessário e merecido, àquele que fez da vida um tempo de trabalho persistente e inconformado.

Em 22 de Abril de 2011, o Senhor de todos os Bens chamou o nosso Padre Carlos, depois de uma vida preenchida a multiplicar os talentos d'Ele recebidos, num incansável espírito de doação e fidelidade.

São dele as palavras que a seguir transcrevemos, as quais são parte da sua homilia da Missa que celebrou com a Comunidade da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 2 de Maio de 1963, no nono aniversário da sua ordenação presbiteral. Elas falam da vocação do Padre da Rua. O Dono da Seara, que chamou estes nossos padres e a nós nos chama Hoje a cuidarmos do seu Trigo, não pára de

convidar Agora outros mais, pois a Seara que se espraia pelo mundo fora fala da carência que Ela tem de trabalhadores que a ela se dediquem, no mesmo espírito que inundou as vidas destes nossos Padres.

«Seria não somente uma falta de simplicidade, como um pecado na Fé, não celebrarmos esta data.

É que: "non nosmetipsos predicamus sed Jesum Christum Dominum nostrum"!

É que ninguém é o festejado, senão só Jesus Cristo Nosso Senhor, no mistério do Seu Sacerdócio, dom feito aos homens de todas as idades, desde Pedro, Paulo, André, Tiago e João até ao último sopro de vida no Mundo. E este dom é feito pelo ministério dos homens, de homens a quem Deus chamou pelo seu nome e Lhe responderam: "Eis-me... Ao teu dispor".

"Somos, pois, servos vossos por amor de Jesus Cristo; porque Deus, que mandou que das trevas resplandecesse a luz, Ele mesmo é Quem arde e Quem brilha nas trevas dos nossos corações", para a vossa salvação.

Não se trata, portanto, da minha festa. Tampouco ela poderia ou deveria ser lembrada só por mim. Porque sois vós todos, e os que hão-de vir, o pensamento final que Deus teve quando nos chamou; e mais, quando nos deu ouvidos para ouvir e coragem para responder: "Aqui estou, Senhor. Dispõe de mim". A festa é, pois, de Cristo no mistério do Seu Sacerdócio.

É uma festa sacerdotal. Ele é o sumo e eterno sacerdote. O único de quem o sacerdócio é

Continua na página 2

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Os pobres não podem esperar

FOI assim mesmo, claramente e bem alto, na Catedral do Porto, a 6 de Abril, que o novo Pastor da Diocese portugalense deixou este sinal significativo, apelando a que *sejamos ousados, criativos e decididos sempre, mas sobretudo quando e onde estiverem em causa os frágeis, os pobres e os que sofrem. Esses devem ser os primeiros, porque os pobres não podem esperar!*

Com simplicidade, o Padre Américo é um modelo de Caridade a ter em conta na Igreja portuguesa, pela sua sementeira e frutos, até na linha da não subserviência ao Estado, numa acção de matriz eclesial. É exemplar a mensagem do Seu Mestre, Jesus, na sinagoga de Nazaré, que toma como programa do Seu ministério neste mundo a profecia de Isaías: em que o Espírito do Senhor O ungiu para *anunciar a Boa Nova aos pobres*. Todos se admiraram que da boca do *Filho de José* saíssem essas palavras graciosas.

D. António Francisco, com ternura e emoção, evocou a partida de seu pai quando tinha 15 anos e o sofrimento de sua mãe. Também comuns a tanta gente, como aqueles que acolhemos, cujas marcas indeléveis foram, porventura, lições num caminho de Luz, pastoral. O nosso Deus preocupa-Se com o Seu povo, como disse a Moisés: — *Eu estou contigo!* Ao procurar estar próximo de todos, em especial das moléstias e feridas humanas, cuidando sem demora dos que vivem em dor, é meta certa ao jeito da vida pública e pregação de Jesus na terra onde Se tinha criado. No serviço aos pobres e humildes, vai-se encontrando o Pobre e Servo de Javé. Calou-nos bem fundo, como a tantos pastores e fiéis, que nessa tarde dominical, na Sé e no terreiro apinhados, pareciam já escutar, ecoando das montanhas, as campainhas pascais. O serviço à família e à vida, neste itinerário pascal, é

também um mundo de atenções e intenções a acompanhar, para dar as mãos nomeadamente aos que se encontram perdidos e sós.

Quando os diques da ânsia financeira liberalizadora, ao findar do outro século, rebentaram, foi-se acentuando um cenário real de crise económica e depressão social. No ocidente, há mais de 75 milhões de jovens desempregados. Jesus combate as misérias humanas, do pecado à fome, mas não deixa de proclamar que *ser pobre é uma condição necessária para ser feliz neste mundo*. É indubitável que o desprendimento, isto é, *a sobriedade*, de que fala S. João Crisóstomo, e a verdadeira Caridade são vasos comunicantes na acção dos discípulos de Jesus, Deus que prefere os simples e humildes e os que clamam por justiça. *Todo aquele que pratica a justiça é filho de Deus*.

Não pudemos adiar e estivemos próximos de um menino de 2 anos,

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O tempo pascal arrasta, atrás de si, a cruz inundada de alegria. Não queria falar daquela mãe, de há dias, a quem pagámos a caução e o primeiro mês da renda da sua casa. Abandonada pelo marido, que sustentava a família, viu-se na rua com os quatro filhos e sem nada, pois a casa anterior era mobilada e os electrodomésticos pertenciam ao senhorio.

A sua actual morada não tinha uma única torneira, muito menos esquentador ou qualquer electrodoméstico.

A mobília e roupas foram todas daqui.

Quando leres esta missiva pascal, já possuirão o mínimo: um fogão, um esquentador e um frigorífico novos.

As mulheres acompanharam O Crucificado até, e após a sua sepultura. Também me acompanham a mim. Aquela outra, casada, vítima do marido, se não fugisse, ele matava-a; desandou com a filha, uma criança de ano e meio, só com roupa de corpo.

A caução, um mês da renda, as roupas, a comida, a cama e mais alguns electrodomésticos, também vieram do *Património*.

Os olhos daquela mártir eram nascentes abundantes e imparáveis de lágrimas que ela limpava com as palmas das mãos.

Tinha feito o 12º ano. Casara. Sonhara, como todas! Agora isto. Sem nada, sem ninguém, sem trabalho, só com a sua filhinha, confortava-a a impressão de que o carrasco não daria mais com ela!

Não quero falar. Perdoa-me, que isto não é assunto pascal.

Prefiro antes anunciar-te Cristo Ressuscitado e Vivo, bem Vivo, no coração de alguns Leitores.

O *Património dos Pobres* e a Providência Divina estão muito ligados e confundem-se.

Deus actua nas consciências e é aí, e só aí, que a gente vai buscar remédio para tantos males.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PÁSCOA — Esta crónica é a primeira escrita a seguir à entrada em funções do Sr. D. António Francisco dos Santos como Bispo do Porto. Aqui deste posto, em nome dos Vicentinos desta Conferência, um abraço amigo e os votos de que Deus o ajude na sua nova missão. No seu empenho em favor dos pobres, disponha de nós para o que for preciso.

Esta crónica também é a última antes da Páscoa. Entre a Páscoa e o serviço aos pobres há uma ligação muito forte, se entendermos a Páscoa como passagem da morte para a vida. A morte é o que nos prende às efémeras e às glórias deste mundo. Sempre que o fazemos é grande o risco de tornarmos alguém mais pobre. Tornamos outros pobres, porque queremos para nós o que lhes faz falta para terem uma vida condigna. Tornamos outros pobres, porque os instrumentalizamos em favor dos nossos interesses egoístas. Por isso, a Páscoa deve ser um tempo que nos chame a libertarmo-nos dessas amarras que nos prendem às vãs glórias deste mundo e, desse modo, nos matam e matam outros.

Quanto à vida da nossa Conferência, continuamos no nosso trabalho de emergência social, atendendo situações a que o sistema de protecção social não consegue responder, na hora própria, ou responde de forma insuficiente. Temos um casal que cá chegou vindo de Espanha onde os dois ficaram desempregados. Temos outro casal onde o marido ficou desempregado devido a mudanças numa empresa cá na terra. Continuamos a ajudar um bom número de famílias em termos de despesas na farmácia e em dificuldades pontuais que vão surgindo. Escusado será dizer que não se trata aqui só de ajuda material. Há sempre a indispensável visita domiciliária.

Em sintonia com a Comissão Fabriqueira, começámos obras de reparação nas casas do *Património dos Pobres*. A primeira casa a ser intervencionada está pronta e já tem moradora. Foi grande a sua alegria quando para lá mudou, depois de muitos anos a viver em casa da filha, em condições que deixavam muito a desejar. Já pedimos vários orçamentos para as obras a efectuar na segunda casa que queremos melhorar. Daremos notícias sobre estas obras quando se justificar.

Votos de uma Santa Páscoa para todos os nossos Leitores.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato,

4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

PASSEIO — Como já noticiado na crónica anterior, para o passeio deste ano, foi escolhida a minhota Valença, terra rica em tradições, fundada ainda antes da nacionalidade. O ponto de partida é na nossa sede em Paço de Sousa, pelas 7h30, no feriado do dia 1 de Maio. O almoço/farnel será nos jardins junto das muralhas de Valença seguido da animação proporcionada pela Tuna Musical da nossa Associação que já anda a ensaiar um repertório novo para estar bem afinada para as próximas actuações já agendadas. □

LAR DO PORTO

Casal Vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Neste período de Quaresma a nossa Conferência mais uma vez está presente a dar sinais da sua existência, não só como vicentinos mas também como cristãos. Por isso queridos leitores um cristão tem o dever de ajudar os pobres o melhor que possa e sabe.

Ser Vicentino é um dever, e um dever porque o filho deve ajudar o pai e o pai deve ajudar o filho, porque se somos irmãos uns dos outros, isto porque temos o mesmo Pai do Céu, então temos dever e obrigação de ajudar os nossos irmãos mais carenciados.

Este é o tempo de escutarmos a palavra do Pai e tempo de ouvirmos os nossos pobres, ensinando-lhes o caminho pelo qual devem chegar ao Pai, caminho esse com altos e baixos, mas sempre com o sentido e desejo da conversão, indo assim ao encontro da reconciliação com a oração e acção de graças por esta caminhada de quarenta dias.

Temos que fazer sentir ao pobre que a nossa Conferência Vicentina ao longo destes anos, que as nossas visitas, não foram em vão, tem sido uma caminhada que nos tem ensinado, que temos colhido frutos e experiências que jamais conseguiríamos se não fossemos Vicentinos.

Todos nós sabemos que o Mundo atravessa a maior crise de amor pela família, são valores que se estão a perder, as pessoas vivem só para si, claro que há excepções, mas a maior parte de filhos e pais esqueceram-se que um dia mais tarde vão-se sentir muito sós, porque quando se aperceberem deixaram passar tanto tempo que o amor e os afectos ficaram esquecidos.

Assim sendo nestes quarenta dias de Quaresma, vamos pensar mais seriamente no amor e distribuir de graça, como o Pai fez com os seus filhos, *ide e espalhai a boa Nova, amai-vos uns aos outros como eu vos amei*.

Desejamos a todos os nossos Amigos e Leitores uma Santa Páscoa.

O QUE RECEBEMOS — Engº Roberto Martins, 50€; Otelo Silva, 10€; Aura Silva, 20€; Joaquim Fialho, 15€; Mª José Sousa, 50€.

Em nome dos nossos Pobres os nossos agradecimentos.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis

Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

DANÇA — Alguns Rapazes têm andado a ensaiar para irem participar num espectáculo em Cete. O Lupricínio é o ensaiador e organizador, para incentivar os mais novos.

Esperamos que continuem mesmo depois desse espectáculo.

POMAR — O André «Gordo» tem andado a arranjar animais para compor as gaiolas do nosso pomar, com a ajuda do Sampaio. É muito agradável ver os animais a passear no nosso pomar, para além de que, na devida altura, servirão para as nossas refeições.

ESCOLA — Os Rapazes do 1º Ciclo tiveram todos bom aproveitamento. Os do 2º e 3º tiveram algumas negativas, embora tenham melhorado as notas. Os do secundário

dário a frequentar cursos profissionais, vão progredindo nos seus cursos.

FÉRIAS — Durante as férias da Páscoa temos andado a fazer vários trabalhos em que ocupamos os tempos livres, ficando a nossa Aldeia mais bonita e limpa, assim como as casas onde vivemos. Também nas férias alguns Rapazes têm tido aulas de música e feito os trabalhos escolares.

BICICLETAS — Aos domingos à tarde, os Rapazes para ocuparem o seu tempo, gostam de fazer uns percursos de bicicleta. De cada vez há um responsável por tomar conta delas, mantê-las em condições e verificar se corre tudo bem. Os mais pequenos são os primeiros a vir pedir a sua bicicleta. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

SEMANA SANTA — As celebrações da Semana Santa vão acontecer, como é tradição, na nossa Capela, em especial o Tríduo pascal. Tere-mos ocasião de nos preparar para a Solenidade da Ressurreição de Jesus. Feliz Páscoa, de Cristo vivo, para todos!

PARTILHA — No terceiro Domingo da Quaresma, 22 de Março, fomos à Igreja de S. José, em Coimbra, como é tradição, em que participámos nas várias Eucaristias do *dia do Gaiato*. Fomos bem recebidos por toda a comunidade, guiada pelo Sr. Cónego João Castelhana. Os amigos e as amigas de Castelo Branco enviaram o seu generoso contributo. Um senhoras amigas da Lousã

trouxeram-nos a partilha dessa Paróquia. De Coimbra e do norte ao sul, como da Póvoa do Varzim, de Lisboa, entre outras localidades, vários assinantes do nosso jornal e pessoas discretas partilharam connosco e outros deixaram bens alimentares. Muito obrigado!

VISITANTES — Da Paróquia de Salreu, Aveiro, a 8 de Abril, vieram visitar-nos alguns crismandos com o Sr. Padre Arménio. Estiveram connosco, vendo-nos ocupados nas nossas tarefas. Bem hajam!

AGROPECUÁRIA — Várias *abertas* do tempo têm permitido realizar algumas tarefas agrárias. Assim, um grupo de Rapazes com

o Sr. Pedro têm estado a arranjar o jardim de frente para a rotunda Padre Américo. Estão aí painéis de azulejos das Casas da Obra da Rua. Outro grupo com o Sr. Emídio arrumou a lenha cortada, tirou estrume e cortou mato no monte.

FÉRIAS ESCOLARES — Terminou a 4 de Abril o segundo período escolar e a 10 de Abril saíram as notas. Todos os Rapazes devem melhorar, até no comportamento. No início das férias da Páscoa, no nosso Centro de Estudo, acompanhados pelos Professores Destacados, Alberto, Francisco e Paulo, fizemos os trabalhos para casa e alguns prepararam-se para os exames. Que o terceiro período termine bem! □

FALANDO DE MIM

Olá, o meu nome é Carlinhos. Tenho 13 anos, e nasci a 22 de Junho de 2000. Vim para Portugal com o meu pai para ver se consigo tratar da minha visão.

Quando vim para o Gaiato tinha 11 anos. Vim porque não tinha ninguém para brincar e tratar dos meus documentos e olhos.

Gostei muito, mas nos primeiros dias é difícil. Depois fui-me habituando.

Carlinhos



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

pertença própria. Nós somos participantes do sacerdócio d'Ele, "para fazermos brilhar na sua face o conhecimento da glória de Deus".

De nós mesmos, somos cofre onde se guarda o tesouro do Sacerdócio de Cristo. E nem sequer somos cofre forte, mas cofre rebentado e fácil de violar. Já vedes que não temos nada de que nos gloriarmos, nem podemos ser o objecto da festa. Pois quem se regozija por ter um cofre, se esse cofre não guardar um tesouro?! Então, porquê a festa neste dia aniversário da minha ordenação? Repito: Não sou o objecto da festa, mas o pretexto dela. É que no cofre rachado que, faz hoje nove anos, Deus vos deu, vinha a "pérola preciosa" do sacerdócio do Seu Cristo.

E porquê festa de nós todos?

Já o disse. O sacerdócio é dom de Deus

aos homens. E a participação nele que trago em mim, traz uma dedicatória especial para vós.

Não achais que era fraqueza na Fé, calarmo-nos neste dia?

Por isso, em Paço de Sousa, esta e a de 4 de Agosto [ordenação de Padre Manuel António] são datas a celebrar com a maior consciência que nos for possível; sem grande ruído, mas com alguma exterioridade festiva, que nós não somos seres desincarnados!

E desta convicção resulta minha vontade expressa que todas as comunidades da Obra festejem o aniversário da ordenação do padre que em cada qual se consome como "vosso servo por amor de Jesus Cristo".

Nenhuma outra data nossa é tão vossa, como esta em que do nosso matrimónio com a Mãe Igreja, recebemos o poder de vos gerar para a Vida, poder que nos constitui, verdadeira, realmente, vossos pais. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Trabalho

AS férias da Páscoa trazem aos Rapazes muito tempo sem aulas. Normalmente, todos os momentos, em Casa, são ocupados em trabalhos agrícolas, no estudo, acompanhamento dos mais atrasados, música, ensaios e desporto.

Retanchámos uma parte da vinha, onde a terra mais argilosa e com menos drenagem, não tem permitido o desenvolvimento das cepas.

No meio do Outono, havíamos morto, com herbicida, as ervas daninhas e, especialmente o escalracho e feito um furo, com uma broca larga, atrelada ao tractor, e enchido esse buraco de terra orgânica.

Agora, quatro Rapazes vão à frente, limpando, com enxadas, os lugares certos onde, metro a metro, outros plantarão os baceiros. Atrás, segue o tractor, conduzido por um deles, com um atomizador de 300 litros, cheio de água. Dois fazem, com brocas de água, os orifícios onde, de imediato, outros metem, cuidadosamente, as plantinhas novas, aconchegadas por outros dois, com paus grossos para que as raízes fiquem bem pegadas à terra.

Os Rapazes saíram agora das aulas. O corpo não está habituado à dureza de um trabalho destes. É pouco o tempo de trabalho seguido mas, mesmo assim, a tarefa é pesada. Nas primeiras horas, tudo correu bem. Mas, da parte da tarde, do primeiro dia, começaram os telemóveis a tocar, as costas a doer e alguns a sentarem-se. Foi preciso fazer cara feia e ameaçar que se retiravam os telemóveis.

Nos dias seguintes, tudo correu bem. Espero que a vinha se recomponha de forma que não precisemos de repetir o mesmo trabalho.

Estágios

OS nossos, da Escola Profissional de Setúbal, que estão a acabar o curso, entram em estágio.

São três meses!

Uns vão para Lisboa, outros para a Moita e outros ficam mais perto. O estágio é uma boa abertura para a vida!

Tristezas

NO tempo pascal todo o nosso mundo interior e externo se devia unir à natureza e cantar, com ela, as alegrias da Ressurreição. Pois a Primavera é uma imagem viva do renascimento.

O homem, porém, cada vez mais afastado da lei natural, dada por Deus, perde esta capacidade.

Uma pobre mãe dirige-se-me com a sua filha, doente crónica, implorando dinheiro para pagar um remédio que vem de fora.

Uma farmácia da cidade mandou vir mas precisa de 87€.

Ora, que faço eu? Pôr dinheiro na mão de alguém é prática que evito. Puxo de um cartão da casa, escrevo, assino e autentico com carimbo: — a farmácia tal pode aviar esta receita que a Casa do Gaiato responsabiliza-se pelo seu pagamento.

O cartão, assim escrito, vale tanto como o dinheiro. E valeu. Tenho sempre o medo de me

esquecer, mas uns dias após, passei por lá a liquidar.

Era pelas quatro horas da tarde. A farmácia estava vazia de gente. Só eu e o empregado. Nisto, entra uma rapariga, já nos seus vinte e tal anos, com notas para trocar em dinheiro mais pequeno.

— Já lhe troquei duas vezes hoje. Agora, não tenho trocos. Não tenho —, repetiu o empregado.

A rapariga saiu e ficámos sós.

— Ela anda a vender droga. Já viu ao que chegámos em pleno dia?!

E a mais chegaremos, disse comigo, se o homem continuar neste progressivo afastamento do Autor da Natureza e a endeusar-se a si mesmo, tentando conduzir a sociedade somente com leis, medos e sustos.

O homem é consciência!

A única força que purifica a consciência e a leva por caminhos rectos, é Deus! Só Ele lá entra, para a conduzir.

Por mais minuciosas que sejam as leis humanas, feitas pela ciência laica, esbarram sempre com o egoísmo e o julgamento subsequente que o homem faz, de que tem capacidade para enganar o outro e enganar-se a si mesmo, preferindo a ilusão à realidade.

Quem será capaz de pôr fim a uma tragédia destas?

Ninguém denuncia por ser perigoso. Vive-se debaixo do medo. Ninguém se atreve, e o mal avança livremente, arrastando a juventude, sem freio e ávida de novas aventuras.

Graças a Deus, por Casa não temos queixas, embora alguns já tenham sido tocados mas, lá fora, cheira a podridão. □

REVESTIR-SE DE CRISTO

Padre João

DEPOIS da grande jornada Quaresmal; de uma quaresma entendida como tempo de avaliação de «qualidade de vida» espiritual, eis-nos chegados à Páscoa. Vai longe o tempo em que eram acentuadas, de forma redutiva e excessiva, as propostas de carácter ascético, penitencial... nomeadamente o jejum e a abstinência. Evidentemente que a Igreja não as afastou. Mas é menor o acento tónico para que outra seja a raiz a procurar terapia e cura, como nos recorda o Senhor: «rasgai os vossos corações e não as vossas vestes (...). «Eu quero misericórdia e não sacrifício». De todos os modos, a Igreja aconselha a que cada um, cada comunidade, reveja a sua situação pessoal. Não haverá avaliação séria, sem correcção de rotas existenciais e descoberta de caminhos novos. A ascese e a renúncia são, muitas vezes, meios indispensáveis para avançar, num caminho espiritual exigente e de qualidade.

Na pedagogia da fé o ponto de partida recomendável é sempre o nosso baptismo, o sacramento-raiz da vida cristã. Aliás,

a Palavra de Deus proposta para o itinerário quaresmal segue, de perto, a caminhada catecumenal, antiga e riquíssima tradição da Igreja. A simbologia da água e da luz preenchem de forma plena o universo espiritual da quaresma. Inolvidáveis e emocionantes, os santos evangelhos da samaritana e do cego de nascença. Na sua leitura e meditação devemos ultrapassar a realidade material dos factos para nos fixarmos no seu sentido espiritual mais profundo: «Revestir-se de Cristo». É o grande desafio de cada Páscoa anual; mobilizadora da Páscoa semanal, o Domingo, dia do Senhor!

É a nossa realidade de baptizados que está sempre em confronto. Urge redescobri-la como se, jóia de alto preço, se tratasse. E assim é, de facto, como nos ensina o «Apóstolo das Gentes»: «Não foi com ouro e prata que fostes resgatados dessa vã maneira de viver, mas pelo sangue precioso de Cristo...». Isto, numa sociedade e cultura que teimam afastar Deus, tanto do seu horizonte existencial como cultural. É a «onda agnóstica» da qual muitos

baptizados não se conseguem furtar, ficando também submersos, o que levava o Beato João Paulo II a gritar, não só à França mas ao mundo católico inteiro: «França que fizeste do teu Baptismo?».

A «rotinice» é outra ameaça à fé pascal, à fé baptismal ao reduzir a vida cristã a simples práticas de ascese em que predominam a exterioridade e a ostentação; nas quais, a caridade não tem lugar e a Igreja, como o afirma o Papa Francisco, é encarada como uma grande ONG.

Uma Igreja Baptismal; uma Igreja Eucarística, são frutos eminentemente pascais, porque nascidos do «Lado de Cristo». Tão necessárias para que o mundo acredite. Páscoa quer dizer «Passagem, Êxodo, Vida Nova de Baptizados»; «Revestir-se de Cristo, o Homem Novo». Grande desafio, como nos recorda os grandes momentos baptismais, da Entrega da Vela e da Imposição da veste Branca: «Recebi a Luz de Cristo (...) Agora sois novas criaturas, estais revestidos de Cristo». E finalmente, o desafio consequente: «conserva sempre imaculada até à vida eterna». □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

bem agarrado a um colo materno, enfermigo, escondidos de *abutres*, a quem transmitimos um pequenino sopro de esperança, porque nos tem inquietado: — *Estou na espera de senhor*. Na verdade, precisa apenas do sustento necessário, do pão de cada dia. Se, afinal, não esperamos o Senhor vivo, na manhã de Páscoa, é mesmo vã a nossa fé. É em muitos rostos, como nestas faces crucificadas, que o Vivente nos pode transparecer com sinais vivos.

Com o pleno da malta em pausa escolar, tivemos mesmo de desviar o nosso olhar de ruas de amargura, para nos voltarmos entretanto para esta colmeia, tentando acautelar-nos das vespas, com as pétalas a abrir. Foram distribuídas tarefas terrenas, digo, da terra, como tirar estrume acumulado do rebanho, cortar mato, arrumar lenha e embelezar um jardim à vista de passeantes. Quais abelhas em sintonia, e porque não picardia, a urgir regrear as mentes e os braços. Cuidar dos canteiros dos jardins interiores leva a vida toda. Será que O vamos reconhecendo na vida quotidiana? A beleza das flores e dos gestos podem ajudar-nos a deixar a agonia do jardim das oliveiras. Para todos uma Páscoa séria, de alegria, na conversão de vida e também na entrega de vidas, em especial a quem não pode esperar. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Recebi carta de um sacerdote a recomendar que racionalizasse os meios para acudir aos pobres, uma vez que, dizia ele, «vêm aí dias piores».

Se virão, ignoro. Mas sei que a Providência de Deus não se racionaliza. Tem sido o mal de muita acção da Igreja: Racionalizar a acção do Espírito de Deus como se organiza uma empresa.

Quando falta o espírito de pobre, tão inculcado, do princípio ao fim dos Evangelhos, quando desaparece a confiança em Deus, e a fé se transforma em teoria, surge, implacavelmente, a instalação e, com ela, o consequente amparo dos políticos!

Não é a **justiça** o avassalador grito de Jesus?

Porque havemos, então, de atirar com ela só para o domínio de César, se esta foi, e é, a base de toda a palavra de Jesus?

A autoridade e a força do Senhor vêm, humanamente, da Sua pobreza. «*O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça*». Teve, sim, a Cruz. É o lugar do justo. Ele repugna sim, mas é a grande denúncia do Papa Francisco. Ele que luta pela **justiça**, quer uma Igreja pobre.

Dêmos graças a Deus! Repito, dêmos muitas graças a Deus pelo trabalho do seu Espírito, também no coração dos crentes, meus Leitores!

É Páscoa! É Ressurreição! É a *alegria do Evangelho*.

Vou dizer aqui, de forma velada, como sempre faço, os donativos a mim chegados desde o período natalício; muitos, com preciosas mensagens onde sinto o pulsar do Ressuscitado.

Cem euros, da Isabel, do Mário, da Fernanda, da Quinta das Palmeiras, da Ester, da Maria Helena, da Maria Teresa, do Manuel, de um antigo gaiato duas vezes e da Adélia.

Cento e setenta, da Maria de Fátima; 750€, da Maria Luísa; 200€, do António; 220€, da Ilda; 150€, do Zé Correia e da Isolete. 300€, da Fernanda; 30€, da Graziela; 350€, do Nuno, da Ausenda e da Zélia.

Mais, 150€, da Maria Amélia e do Ramiro, duas vezes. 115€ e 135€, de Cascais, pela Helena. 120€, da Maria Filomena, da Maria Fernanda, da Maria Justina e da Laura. Vinte, do Jaime e da Manuela, duas vezes. 50€, da Maria Narcisa, da Manuela Moreira, do Afonso e Maria Susana, todos os meses. Sessenta, da Adelaide; vinte e cinco, da Alice; e setenta e cinco, de Mira, com desabafos evangélicos. Mais, setenta, duas vezes, de um grupo daquela vila. 550€, na cestinha junto de Nossa Senhora, na oração do Terço em Seixo de Mira e mais 100€, todos os meses depositado no *Património dos Pobres*.

Na caixa de correio do Lar encontrei dois envelopes; um, com 895€, «*para algumas das vossas necessidades. Rezai por mim. Obrigado, em Cristo Jesus*»; e outro com noventa euros.

200€, da Alemanha, de uma setubalense que vive em Lisboa, da Inês, da Assinante 75608, do José Alexandre, Maria Odete, Maria Teresa e Jorge. Da Dolores do Porto, duas vezes, 100€ e uma, 200€. Que o Senhor A robusteça na fé e na saúde.

De Coimbra, o António mandou 1500€ e um sacerdote 5000€. O Fernando enviou 1000€, a dizer que a Esposa tinha partido. Rezámos por ela e continuámos. O mesmo mandou a Maria, de Braga, a Manuela, o Manuel Olímpio, o Tiago, duas vezes, e o Manuel Casimiro, revelando «*que é economia de seus pais*». **A beleza de repartir a herança com os pobres.**

Seiscentos, da Maria Guilhermina e Isabel Maria. Trinta, da Maria José; vinte cinco, da Laura; vinte, do Vítor. Dois mil, da Cármen, e quinhentos, da Adelaide.

«*O Património dos Pobres é a radiografia das dificuldades por que passa muita gente neste País. Para o condomínio, a água e o IMI junto cheque de 1.725€. A situação relatada na edição de 22 de Fevereiro de 2014 tem forçosamente de abanar algumas consciências.*

Graças a Deus! Muitas graças a Deus! É Páscoa! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTARÃO muitos à espera de saber o que nos trouxe o Primeiro Ministro de Portugal, quando veio a esta Casa. Não foi essa a intenção dos repórteres que aqui vieram, só na mira de lhe acaçarem declarações políticas. Por isso, logo na chegada, foram afastados por nós e tiveram de esperar pelo fim da visita, que o protocolo tinha marcado de 40 minutos, mas demorou, por sua vontade, duas horas. E viu exclusivamente aquilo em que a Segurança Social Portuguesa nos ajudou: escritórios centrais com sala de reuniões, biblioteca e sala de leitura, escolinha. De passagem, o refeitório e a cozinha, onde os nossos Rapazes já tinham o almoço preparado. De seguida, a Casa dos mais pequeninos e, finalmente, a Casa Esperança, onde havia alguns Rapazes doentes, com quem falou. Faltou ver a oficina de mecânica.

O que nos deixou? Estímulo nas palavras que dirigiu aos Rapazes e alunos da Escola, pois era dia de aulas — ao todo, com Professores, uns oitocentos. Dei-

xou também os sumos da Compal, que visitou no caminho e alguns remédios que o Exército Português lhe tinha entregue. Deixou-nos exemplo de simplicidade e apreço no Livro de Honra da Casa; mas, acima de tudo, a motivação que fez à Comunidade Portuguesa para nos apoiar com carinho. Mas disso não fomos testemunhas, porque ninguém daqui foi aos encontros na cidade.

Dois dias antes, tinham passado da Provedoria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para nos ver e prometer cinquenta mil euros, que logo chegaram.

O que esperávamos? Nada além disso mesmo.

O que lhe dissemos? Muito pouco para não demorar. Que esta Casa pertence a quem nada tem e que para nós, que somos como eles, são a maior riqueza que há em Moçambique. Somos uma Família para os sem família. Um agradecimento por ter decidido até nós em nome de Portugal onde a Obra da Rua nasceu e continua viva. Uma palavra final de Fernando Pessoa: «Cumpriu-

-se o Mar, e o Império se desfez, Senhor, falta cumprir-se Portugal.» Entendi que era esse o seu dever e seu propósito.

Como não podia deixar de ser, na terra que pisava, duas danças dos nossos e Alunas da Escola. Isto se passou na nossa tenda de Encontros, a Catedral mais bonita de Moçambique, como já lhe chamam muitos dos que por cá passam. Louvor para o nosso Arquitecto João Araújo, que nos deu o desenho, o grande painel da Anunciação Redentora e os três grandes vitrais. Os outros, da amplidão da natureza envolvente, foi Deus, no Seu desígnio amoroso, que ali colocou para nós.

Do Governo, Sr. Embaixador de Portugal e Ministra Conselheira, que de quando em vez está presente na nossa Celebração. De cá, a Senhora Governadora da Província, Senhor Presidente do Município e Senhor Administrador de Boane, que nos honraram com a sua presença e a dos seus Seguranças. Tudo muito discreto e simples, como convém neste Santuário. □

VINDE VER!

Padre Quim

Horas ocupadas

RETOMAMOS o antigo costume de nos reunirmos na parte frontal do refeitório após o toque. «A sineta marca o tempo». Não somos contratados nem assalariados, somos a família, e nela os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes. Os Rapazes desfazem-se da ociosidade e em prontidão cada qual responde por si mesmo ao ser chamado para integrar os diferentes grupos de actividades. «O nome é a própria pessoa». O trabalho continua a ser a base da vida: base de subsistência. É um antídoto eficaz contra a vadiagem.

É saudável o tempo que os Rapazes passam ocupados nas suas tarefas. Mesmo que se trate das horas de recreio, é necessário que o tal o seja. É cura que se impõe. Os horários são pontos orientadores para tal fim. As iniciativas são aproveitadas para se poder ir mais além mesmo quando se pensa que não se pode ir mais do que está agendado. É necessário que o bem cresça, para que o mal diminua. O trabalho é um bem. Os que não o desempenham, ficam privados desse privilégio. «Há tempo para tudo». Perdê-lo em ninharias é injusto, porquanto a construção do progresso pessoal e comunitário dependem da forma como se utiliza o tempo. É chocante quando se vai a um departamento e a resposta é negativa, porque fulano não veio trabalhar, quando deveria estar no seu lugar a cumprir o seu dever.

A Quaresma é tempo de horas cheias, ela motiva a jornada para fazer valer a Caridade para com os mais necessitados. Eis o jejum que agrada a Deus. No momento que estou a escrever, no pátio da escola há o içar da bandeira e vozes de crianças elevando mais alto o Hino Nacional. É um acto de cidadania, civismo e patriotismo. Nas oficinas, oiço ao longe o barulho das máquinas. Horas sagradas, ninguém pode faltar e, se podendo com ares de excesso de grandeza de que é livre, não deve, porquanto pesa a sua ausência. Ontem, veio o padre confessor para administrar o sacramento da penitência aos Rapazes. Fica o propósito de nunca mais voltar a ofender a Deus. Quem está limpo é nova criatura! Acautela-te, vigia para não voltares à lama.

As provas do primeiro trimestre estão às portas, com ela veio a preocupação, quase viciada, de andar com mochilas às costas. «É para revisar», foi a resposta da minha inquietação. Não há tempo a perder. O Rapaz sabe da urgência em preparar-se para a vida. O trabalho, em todas as vertentes, é uma base segura de equilíbrio pessoal e social no presente, em vista à construção do edifício humano futuro. O chefe veio dar queixa do «Pequeno», este não quis ocupar-se da sua obrigação. Já tem 16 anos, a repetir a oitava classe por tê-la perdido por falta de interesse e malandrice à mistura. A solução foi entregá-lo ao tio para fazer uma experiência em casa da família por algum tempo e, depois, voltará, se apresentar sinais de mudança. Oxalá assim aconteça. «É absolutamente indispensável dar que fazer aos Rapazes. É tão urgente dar-lhes trabalho, como é inadiável dar-lhes o lanche a horas certas. Disse-me, há dias, um dos nossos: — Mas o trabalho nunca acaba? — Não. Foi a resposta. O trabalho termina, depois de ser feito, e recomeça depois do recreio, porque há sempre muito que fica por fazer. E se ele viesse a faltar? Inventá-se. A criatividade é mestra para dar que fazer. «O trabalho é pai de muitas virtudes, a ociosidade é mãe de todos os vícios». Nós queremos as virtudes. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Amor fraterno

NÃO sabemos como valer a muitos pedidos de ajuda material que batem à porta do nosso coração! A família de dentro com mais de 100 filhos, dos 5 anos até à idade adulta, é o centro da nossa vida. Porém, a solidariedade com os mais pobres é um serviço que compromete a todos, numa acção dirigida a tirá-los da ignorância, da fome, da nudez. Quem dera o coração de cada ser humano esteja sensível a esta realidade!. Onde houver uma cruz e uma criança ou adulto cravado nela, pelo abandono, pobreza extrema ou miséria, aí deve estar o nosso coração. Esta lembrança é inspirada pela Cruz de Jesus, neste tempo da Sua paixão, morte e ressurreição, a chamar-nos à nossa comunhão com Ele. Não há outro caminho. Há momentos, alguém chamou a pedir socorro. Era um pai de quem lhe morreu o filhinho e não tem dinheiro para, ao menos, comprar a caixa. Aparentemente pode não ter muita importância. Contudo, o amor deve ser vivido no ordinário do nosso dia-a-dia. Esta sensibilidade mostra a beleza e a grandeza do coração de cada um de nós.

É sempre oportuna a revisão da nossa vida na dimensão essencial da vivência do Amor fraterno.

Neste momento difícil, por que a nossa Casa do Gaiato de Benguela está a atravessar, a esperança das ajudas económicas não pode cair. Os 50 anos da sua existência são um capital do amor, vivido nos corações de todos os que ajudaram a sua vivência. Há-de continuar a dar os seus frutos, assim esperamos. O coração de cada um de vós está presente nas pedras vivas que é cada um dos seus filhos e nas pedras retiradas do sepulcro de todos os pobres que ressuscitaram com as ajudas que receberam. Não deixeis que o egoísmo e a indiferença matem a capacidade de vida dos vossos corações. Dar por amor não é perder. São verdades que somente a experiência pode demonstrar. Que o digam todos e todas que vão buscar do pouco ou do muito que têm para partilhar com os pobres. Nesta verdade assenta a esperança da nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Aguardamos, há muito tempo, a possibilidade de podermos recuperar as habitações dos filhos

da nossa Casa, degradadas pelo longo tempo de espera. Ainda não foi possível. Os pedidos feitos a algumas instituições poderosas não surtiram efeito. Contudo, não queremos desanimar. Sim, queremos fazer tudo o possível para que não nos falte o pão de cada dia. A promessa da partilha dos rendimentos dum empresário muito amigo da nossa Casa do Gaiato de Benguela foi uma luz que se acendeu no horizonte da nossa vida. Quem dera os seus negócios cresçam na medida da sua generosidade.

O encontro com dois filhos desta Casa, colocados na vida com muita segurança: um é engenheiro a trabalhar como professor e funcionário público, o outro como industrial com muito boa representação na sociedade, nesta manhã, foi motivo de alento para continuar a trabalhar, de braço dado com a vida e com todos os que nos ajudam. Doutra modo, como seria possível oferecer esta maravilha à sociedade? Nos corações destes filhos está também a maior riqueza de Angola. É preciso explorá-la. Só o Amor gera a fecundidade do trabalho neste campo da vida humana. Quem dera cada pessoa e cada empresa, na medida das suas possibilidades, se dispusesse a ajudar as obras organizadas em favor dos mais débeis. Está aqui o segredo da nossa sobrevivência.

Com votos duma Festa da Páscoa cheia de paz e alegria, recebi um beijo dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A nossa divisa — *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* — não é bandeira fácil de rasgar, mas é, sim, muito sacudida pelos ventos.

in *Cantinho dos Rapazes*, p 90

SINAIS

Padre Telmo

QUE bom que algumas empresas, casas comerciais e amigos generosos se lembrem de nós.

Somos cento e trinta Rapazes com as nossas necessidades: alimentação, vestuário, despesas nas escolas e universidades. Não temos família. A Casa do Gaiato é a nossa família. O nosso trabalho, valioso embora, não basta: ele são as propinas, ele são os cadernos e as batatas, as viagens, os remédios e o comer quotidiano.

No Natal, fomos ajudados pela primeira dama com uma boa ajuda alimentar e roupas; pela Livegum que nunca nos esquece; também não a casa comercial de Fernando Malheiro; a Só Vidros com várias ajudas; Carlos Cunha com os costumados mimos do Natal; alguns amigos de Malanje e o nosso amigo (do carro grande), como dizem os Rapazes, com várias malas de peixe.

Veio também uma representação da ENANA, empresa responsável dos aeroportos com alguns directores e chefes de departamentos e muito discretamente ofereceram brinquedos aos meninos: aviões, carros com pilhas e alguns teleguiados. Foi uma manhã de alegria! Além dos brinquedos ofereceram roupa, calçado e géneros alimentares. Não queremos esquecer a menina Lorena da ENE com dois donativos valiosos.

Que o Senhor Jesus abençoe a todos. □